

Manual de instruções: a mão que desenha e as mãos na massa

Existe uma relação entre arquitetura e a forma que vivemos. A história da arquitetura pode ser vista como a reflexão eterna acerca de sua própria existência. O que é construído nos dias de hoje é reflexo de um passado que marca o território. São rugosidades (Santos, 1980) que registram ideologias de contextos sociais anacrônicos. Acontece de tal forma que a tentativa de superar ideologicamente e formalmente o que foi construído em tempos anteriores funciona como estopim para o surgimento de outras possibilidades.

Dentro das múltiplas faces da arquitetura contemporânea, e seja de qual for a perspectiva de avanço [insurgente ou dominante], analisar a arquitetura contemporânea é exercício retrospectivo. Ao pesquisar na web as palavras “arquitetura contemporânea” encontram-se resultados randômicos que a definem como compilação de movimentos, tendências e técnicas utilizados nos tempos atuais sucedendo à arquitetura moderna. A arquitetura pós-moderna surge como uma das mais recentes manifestações contemporâneas que, aliada a outros movimentos, ainda se apoia no avance das inovações tecnológicas e no imperialismo parametrizante.

Dominantes, quase não deixam espaço para outras tendências que buscam no retorno vernacular as bases para uma nova arquitetura de ruptura. Dentro dos caminhos insurgentes da arquitetura nacional estão Sérgio Ferro, Rodrigo Lefèvre e Flávio Império. Construtores capazes de incluir os movimentos populares [organizados em mutirão autogestionado] no processo de construção de uma arquitetura que representava cisão ideológica ao contexto político-social de 1964. Ferro, Império e Lefèvre, juntos no grupo paulista Arquitetura Nova, praticaram uma arquitetura popular que propunha maior acesso e economia na obra, além de novas relações de trabalho no canteiro. Tudo isso em resposta a demanda nacional de habitação popular. Ideias que descendem, com uma pitada a mais de radicalismo e de mãos na massa, de um debate feito com um arquiteto também paulista, mas antecessor em dez anos: Vilanova Artigas.

Nos capítulos do livro “Arquitetura Nova” de Pedro Fiori Arantes o debate entre os arquitetos sobre o que, de fato, é arquitetura [nesse caso, arquitetura moderna] e qual seu futuro é explorado. A troca entre os arquitetos, os do grupo Nova e Artigas, continuam inconclusas retóricas que caracterizam o estudo da história da arquitetura. Norteiam o pensamento de Artigas o novo olhar sobre as técnicas, a estética e o público que consome arquitetura. Sobretudo o projeto, o canteiro, a moral construtiva e o gosto burguês são conceitos que definem a pedagogia do desenho instaurada por Vilanova Artigas. É o questionamento sobre a função social dos arquitetos [que Artigas desenvolve antes mesmo de escrever seu texto homônimo em 1984] que será rebatido por seus sucessores da arquitetura paulista. Referenciando o Cinema Novo e o Teatro Arena, o grupo buscava outras formas de construir que intervissem reciprocamente novas relações de produção e de trabalho [relações entre o arquiteto e operário, por exemplo]. Tais questões ficam intrínsecas na obra dos construtores novistas. Artigas já tinha carreira e produção. Em seu início, sua criação, estará mais próxima de influências como Frank Lloyd Wright e Le Corbusier. Vai amadurecendo, anos depois, chegando no debate com o recém-formado grupo Arquitetura Nova e a construção das “casas ideias” para a burguesia paulistana.

Dentro da cronologia da arquitetura é possível perceber que os movimentos alternativos poucas vezes ganham grande dimensionamento. No entanto, marcam um contrassenso importante no âmbito da construção historicamente marcado por ser hegemônico e hierarquizante. Observando o atual cenário da arquitetura, pode-se chegar à conclusão que a função social do arquiteto e urbanista continua uma incógnita em frequente transição. Assim, faz-se necessário então a retomada da retórica arquitetônica para vislumbrar um caminho diferente no qual a arquitetura contemporânea seja capaz de responder novas demandas sociais. Os espaços produzidos por Artigas e pelo Nova Arquitetura são respostas antagônicas entre si que se descolam do pensamento ordinário. Ambas heranças espaciais de duas perspectivas distintas, porém de mesmo cerne, que servem de orientação para arquitetos e urbanistas contemporâneos.

Palavras-chave: Vilanova Artigas; arquitetura nova; arquitetura insurgente; outras possibilidades arquitetônicas.

Resumo e apresentação pelo discente Lucca Grzeczeczen: estudante de arquitetura e urbanismo pela Universidade da Federação da integração Latino-Americana, participou como representante estudantil da construção do primeiro plano pedagógico do curso de arquitetura e urbanismo da Unila. Desenvolveu pesquisas e extensão universitária nas áreas de geoprocessamento [2011-2012], representação artística [2013], patrimônio histórico, bens materiais e imateriais e paisagem urbana [2014-2015]. Contato: luccagrz@live.com

Com base em: ARANTES, Pedro Fiori. “Artigas e o desenho”; “1964: tijolos fora do lugar”; “Sérgio, Flávio, Rodrigo e a tal da Arquitetura Nova”. In: *Arquitetura Nova: Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, de Artigas aos mutirões*. São Paulo: Editora 34, 2011, p.p. 09-90.